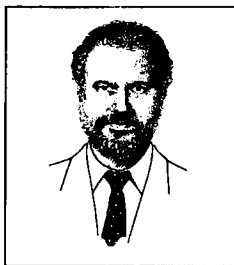


Que escola dar ao povo?



**Os amigos
colégios do
Estado
estavam
entre os
melhores**

Uma das faces mais perversas que o Brasil ostenta é a extrema polarização que ocorre entre ricos e pobres, entre poderosos e deserdados. Mais grave, porém, do que a simples constatação desse fenômeno social é a aparente tranquilidade com que a sociedade encara esta separação, como se ela fosse algo perfeitamente natural (no sentido de algo engendrado pela natureza e não pelos homens). Pais capitalista emergente, tomamos emprestado das grandes potências industrializadas alguns dos caçoetes mais caricatos que elas conseguiram desenvolver como consumismo desenfreado, exibicionismo primário, peruagem explícita e macaquice recorrente. Os que têm dinheiro se vêem e se apresentam como vencedores e, para os que não têm, ficam os restos do banquete.

O desprezo com que é visto o povo pode ser percebido através de manifestações preconceituosas com relação à moradia (habitantes de favelas são logo tachados de bandidos), vestimenta, penteado e até cheiro (lembram-se do ex-presidente que preferia o cheiro de cavalo ao do povo?). Mas esse desprezo se manifesta de maneira mais global através das políticas públicas que, em princípio, deveriam atender exatamente àquela parcela da população que não tem como resolver problemas básicos

com recursos próprios. O caso da saúde é exemplar: dizia-me o diretor de um plano de seguro de saúde que a melhor propaganda de seu "produto" eram as reportagens feitas pela televisão sobre hospitais públicos que, ao mostrar atendimentos de emergência em macas e corredores, levava as pessoas correndo a procurar um plano particular de saúde. Isto para não se falar da óbvia necessidade de se desenvolver em nosso país a medicina preventiva, cuja incipiência afeta enorme parcela da população ainda sujeita a doenças já erradicadas do mundo civilizado há muito tempo. E não se diga que isso não é possível: as campanhas bem executadas contra a poliomielite provam que basta vontade política para caminhar no sentido da necessidade da população e não da ostentação jeca.

No setor dos transportes coletivos o que ocorre em quase todo o Brasil é realmente vergonhoso. Com poucas exceções (Curitiba é a mais conhecida delas), os brasileiros são conduzidos como gado. Os ônibus, com câmbio manual, estressam os motoristas e provocam arrancadas bruscas que seriam facilmente resolvidas dotando os veículos de transmissão automática. Os degraus de acesso aos veículos, altíssimos, criam situações constrangedoras para idosos, mulheres de saia justa ou mes-

mo pessoas que não estejam em forma física perfeita. Quando perguntei a um antigo prefeito de São Paulo por que os degraus não poderiam ser mais próximos do chão, ele me disse que os buracos das ruas não permitiam esse luxo. Não pude deixar de observar que degraus escamoteáveis já existem há muito tempo... Mas, como quem viaja em ônibus é povo, a coisa ficou por isso mesmo.

Essas reflexões vêm a propósito da greve dos professores da rede pública de São Paulo. Como ex-professor de muitos deles na USP, na Unicamp e na atual Unesp, tenho quase vontade de lhes pedir desculpas. Perdão por ter estimulado em vocês o gosto pela História. Perdão por ter mostrado que o historiador, mais do que qualquer outro intelectual, deve desenvolver o papel de consciência crítica da sociedade. E perdão, principalmente, por ter desenvolvido, por palavras e exemplos, o amor pela atividade docente.

Que é feito, afinal, de toda a generosidade que vocês ostentavam ao escolher a profissão de professor? Das idéias de dedicar tempo para conhecer a comunidade junto à qual fica a escola, de ler muito, de se manter atualizados através de cursos? Reivindicando R\$ 210 por mês de piso (e nem isso merecendo, ao que parece), vocês precisam trabalhar dois, três períodos, emendar aula a aula, pular de um extremo a outro da cidade em transportes desconfortáveis (o sonho do carro "popular" cada vez mais distante), apavorar-se diante da possibilidade de uma doença e ficar felizes se conseguirem

repetir suas aulas sem criatividade à uma platéia amorfa e desmotivada. Livros, nem pensar, não sobra dinheiro para isso e poucas escolas dispõem de bibliotecas (e as notícias são de que não se pretende atualizar as já existentes, quanto mais dotar todas as escolas de bibliotecas...).

Quando as escolas públicas atendiam a elite e a classe média, professores ganhavam muito mais. Os antigos colégios do Estado estavam entre os melhores e mais disputados e tinham nos seus quadros mestres dedicados que conheciam todos os alunos, com quem conviviam anos a fio. Até hoje me lembro do vetusto prédio da Av. Eugênio Salerno, em Sorocaba, onde aprendi a ler Machado de Assis e Aristóteles, Cícero e Emile Zola. Com a democratização (massificação?) da educação, os governantes não mais acharam necessário remunerar decentemente o professor, pois as escolas passarão a atender o povo. E, para o povo, a educação deve ter o mesmo padrão do que os transportes ou a saúde. Questão de coerência...

Para o futuro só vejo duas possibilidades: ou fazemos um importante investimento social, que deverá ser referendado por toda a sociedade (que deverá se dispor a pagar o custo da opção), ou assumimos o risco de uma sociedade dicotomizada. Nesse caso, devemos providenciar já o reforço das grades em nossos prédios e casas.

Jaime Pinsky, doutor em História pela USP, professor titular da Unicamp, é diretor da Editora Contexto